



VIVÊNCIAS E CRÍTICAS POSSÍVEIS EM TEMPOS DE BNCC E PNA: OLHARES SOBRE CURRÍCULO CONDENSADO PÓS PANDEMIA.

EXPERIENCES AND CRITICISM IN TIMES OF BNCC AND PNA:
PERSPECTIVES ON POST-PANDEMIC CONDENSED CURRICULUM.

EXPERIENCIAS Y CRÍTICAS EN TIEMPOS DE BNCC Y PNA: PERSPECTIVAS
SOBRE EL CURRÍCULO CONDENSADO POSPANDEMIA.

André Luis de Abreu Oliveira¹

Raquel Falcão²

Patricia Raquel Baroni³

Resumo

Este texto tem por objetivo desenhar o currículo vivido dentro de uma escola localizada no município de Nova Iguaçu, na Baixada fluminense do Estado do Rio de Janeiro, Brasil no que se refere à construção de uma matriz de Conteúdos Prioritários lançada pela Secretaria Municipal de Educação com o objetivo de dirimir os efeitos do afastamento dos alunos, em face ao ensino remoto imposto pela pandemia de COVID19. O artigo se concentra não apenas na recepção e críticas a este documento, como de fato, nas artesias pensadas e exercidas pelas vozes que são trazidas do chão da escola que costumam ser silenciadas pelas forças políticas que insistem em não reconhecer toda a força transformadora que a escola pública emana.

Palavras-chave: Currículo, Narrativas, Pós- pandemia.

Abstract

This text aims to outline the curriculum lived within a school located in the municipality of Nova Iguaçu, in the Baixada Fluminense region of the State of Rio de Janeiro, Brazil, with regard to the construction of a matrix of Priority Contents launched by the Municipal Secretary of Education with the objective of reducing the effects of the removal of students, in view of the remote teaching imposed by the COVID19 pandemic. The article focuses not only on the reception and criticism of this document, but, in fact, on the crafts thought and exercised by voices that are brought from the school floor that are usually silenced by political forces that insist on not recognizing all the transforming force that the public school emanates.

Keywords: Curriculum, Narratives, Post-pandemic.

Resumen

Este texto tiene como objetivo esbozar el currículo vivido dentro de una escuela ubicada en el municipio de Nova Iguaçu, en la región de Baixada Fluminense del Estado de Río de Janeiro, Brasil, con respecto a la construcción de una matriz de Contenidos Prioritarios lanzada por la Secretaría Municipal de Educación con el objetivo de reducir los efectos de la remoción de estudiantes, ante la enseñanza a distancia impuesta por la pandemia

del COVID19. El artículo se centra no sólo en la recepción y crítica de este documento, sino, en realidad, en el oficio pensado y ejercido por voces que se traen desde el suelo escolar y que suelen ser silenciadas por fuerzas políticas que insisten en no reconocer toda la fuerza transformadora. que emana la escuela pública.

Palabras clave: Currículo, Narrativas, Pospandemia.

Recepción: 04/04/2023

Evaluado: 10/04/2023

Aceptación: 24/04/2023

1- Por Um Currículo Escolar Em Um Cenário Pós Pandemia

A estruturação da atual Base Nacional Comum Curricular⁴ publicada em 2017 e popularmente conhecida como BNCC com seus críticos ferrenhos e entusiastas admiradores, foi e por sinal de sua importância continua sendo analisada, debatida, combatida e resguardada. Da mesma forma, a Política Nacional de Alfabetização⁵ (PNA) instituída pelo decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019 baila no mesmo ritmo e atinge diretamente as ações das escolas de ensino fundamental, haja vista a sua importância como pedra fundamental no tocante ao desenvolvimento do aluno, seja por aquilo que ficou descrito, seja pelas ausências propositais do que não é exposto.

A importância do debate nas construções destes documentos é extensivamente feita em outros trabalhos, não sendo portanto, a intenção deste questioná-los. De fato, os ecos desses textos são apresentados logo no início desse artigo, uma vez que a realidade vivenciada durante e após a pandemia de covid 19⁶, exige da escola uma adaptação ao novo e ao que é imposto especialmente a escola pública uma vez que o afastamento físico é deveras limitante ao desenvolvimento das atividades escolares para atores envolvidos na educação das camadas populares.

Tendo como pilares estruturantes estes dois documentos acima, a Matriz de Conteúdos Prioritários da Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu - a falta de referência neste ponto será melhor esclarecida a frente- é propagandeada como norte, no que se refere a construção do itinerário que visa minimizar os danos trazidos após quase dois anos de afastamento físico dos alunos das unidades escolares apresentando uma série de unidades temáticas, objetos do conhecimento e habilidades, consideradas essenciais para aquele o aluno que está matriculado em algum ano do ensino fundamental, pois enquanto proposta curricular está organizada sequencialmente do primeiro ao nono ano do ensino fundamental e ainda considera também a educação infantil de quatro e cinco anos.

Nesse sentido, ela se apresenta como uma matriz curricular que tenta orientar as práticas desenvolvidas dentro das unidades escolares numa espécie de corrida, onde a otimização do tempo se faz necessário, em favor do desenvolvimento do corpo discente. Ainda refletindo sobre este objetivo, é importante destacar que nos anos de 2020 e 2021 em virtude da aplicação dos modelos remoto e híbrido⁷ de aulas, os alunos passaram por progressão continuada, ou seja, o déficit de desenvolvimento causado pelo afastamento é somado a essa perda do tempo cronológico do(a) aluno(a), uma vez que não existe mágica amplamente conhecida, infelizmente, capaz de fazer o relógio andar para trás.

Em Nova Iguaçu, município onde está situada a escola básica cujas vozes contornam esta produção em função das medidas de isolamento por conta da extrema necessidade da

preservação das vidas humanas, os alunos tiveram suas aulas presenciais suspensas como medidas de evitar aglomerações e, por conseguinte, evitar a propagação do vírus de março de 2020 a outubro de 2021.

As crianças matriculadas nesta rede municipal de educação infantil e básica tiveram aula apenas em sistemas remotos variados conforme as possibilidades de cada unidade escolar. Por redes sociais, blogs, whatsapp ou até mesmo fazendo uso do sistema de entrega e recolhimento de cadernos e apostilas. Diante disto é inegável pensar que tanto tempo afastados da convivência no espaço escolar, não criasse severas lacunas no desenvolvimento especialmente dos pequeninos. Portanto era de primeira urgência uma revisão curricular, ainda mais se considerarmos que por conta da calamidade, todos os alunos participaram de uma progressão continuada nos dois anos.

Portanto, destacamos um importante alerta aqui, tomando as palavras de OLIVEIRA e SUSSEKIND, 2019 pois com o resultado eleitoral de 2018, o tsunami de fortes tendências conservadoras e fundamentais que nasceu da fenda profunda de um Brasil colonial, patriarcal, fundamentalista e capitalista foi e continua sendo um fenômeno globalizado que se apresenta articulado, mas que qualquer generalização se mostra simplista ou ingênua. E essa ingenuidade mediante a esta força estranha que gostaríamos de salientar, especialmente tocante numa particularidade do documento que também iremos revelar um pouco mais a frente neste ensaio.

Portanto, estar atento às faces locais tenciona ainda mais as forças ocultas dispostas a tornar minúsculas as ações desenvolvidas nos cotidianos escolares, no tocante à questão de práticas democráticas.

Para retratar melhor tais questões, é importante expor que cabia às professoras receberem em 2022 uma criança no segundo ano do ensino fundamental, que só havia frequentado presencialmente a escola em fevereiro e março de 2020 na educação infantil, pouco além do período de adaptação à rotina escolar, que acontece durante o mês de fevereiro, como também era de sua responsabilidade, saber lidar com todos os pormenores desse retorno em uma corrida onde o “prioritário” vinha de fora da sala de aula. Nisto surge o questionamento: É coincidência ou ingenuidade que o retorno ao presencial seja orientado para reprodução e não uma atuação propositiva das educadoras, frente às necessidades e particularidades de seus estudantes?

Porque o que é considerado importante no currículo e imposto aos professores e professoras no município em questão, não traz abertura para os saberes cotidianos docentes? Essa implementação autoritária busca deixar de fora a riqueza da vida real que acontecem nas escolas (GARCIA e REIS e BARONI, p.85, 2020) que se porventura forem vistas ou validadas podem desestabilizar a hegemonia oculta que permeia os documentos oficiais e os seus instrumentos de controle tal como é o currículo.

Retrato feito e ditadas as regras do jogo imposto às unidades escolares iguaçuanas, gostaríamos de apresentar o lado taciturno do documento - mais uma vez observando nosso alerta anterior. Sua redação é sombria uma vez que conceitualmente reside numa pontiaguda contradição, pois a autoria do texto documental é desconhecida ainda que tome como referência a BNCC e a PNA. Soma-se a isto as questões de diagrama, o texto não apresenta um autor, um colegiado, um grupo de trabalho responsável por sua produção. Nasce portanto, sem responsáveis ou idealizadores, porém com uma ideologia muito familiar ao corpo docente, onde sua voz costumeiramente é esquecida. É

importante anunciar também que a matriz não apresenta nenhuma introdução ou justificativa que o caracteriza enquanto proposta curricular ou apresente sua justificativa.

Cada um em sua escola, após o retorno híbrido – sim, em 2021 conforme dito anteriormente à volta às aulas só aconteceu de forma híbrida, onde as turmas foram divididas em três grupos e o(a) estudante passava uma semana na escola com o grupo reduzido e duas semanas em casa apenas com as apostilas e demais formas de ensino remoto - recebeu a matriz referente ao ano de escolaridade já pronta, elencados os conteúdos que foram considerados prioritários tendo como referência a BNCC e a PNA.

1.1 Descaminhos Desnecessários

Num exercício imaginativo, convidamos a reflexão sobre a autonomia e boa vontade de uma professora ao receber esse tipo de documento no qual “*alguém*”, lhe diz o que é importante ensinar para os alunos, que são desconhecidos a ambos, neste novo cenário pós pandêmico com toda a fragilidade e esgarçamento do tecido social à mostra. Trazemos esse destaque no discurso de apresentação do texto ao grupo docente acompanhado, as reações das professoras frente a esse mútuo desrespeito:

“A orientadora remotamente, por ambiente virtual, conversando com as professoras anuncia: Gente chegou da SEMED (Secretaria Municipal de Educação) a MCP – Matriz de Conteúdos Prioritários- mandei já para o e-mail de vocês, alguém abriu?”

“Ah, FLORZINHA euabri. Meu sonho era que alguém inventasse um jeito mágico de ensinar aquilo que os alunos não sabem e não querem aprender. Isso pra gente não é novidade, novidade seria alguém da SEMED acreditar que aluno sem saber nada é novidade pra gente.”

“Ver o que a SEMED mandou? Eles por acaso viram minha listagem? Na mesma turma tem três alunos com CID⁸, dá pra ter um em cada semana. *Divertidamente*⁹ né? Cadê o respeito à portaria de matrícula. Ninguém liga pra nada, aposto que até a capa é cópia de alguém”

“Mas amada, a gente teve de mandar alguma coisa além do relatório? Não vi não. Me avisa, se eu estiver devendo.”

Essa ausência de representatividade no documento, corrobora com a falta de credulidade que o mesmo tem acerca da importância daquilo que, em tese, deveria fazer. A coerência nos diz que fundamentalmente, uma Matriz de Conteúdos Prioritários deveria no mínimo dialogar com as experiências docentes e ser orientada por ela, para que a mesma faça sentido na vida real. E o último relato ilustra bem esse oceano de distância, pois ao questionar a orientação, supomos que a professora também denuncia - mesmo que de forma irônica - que não teve nenhuma participação na elaboração de um documento que se diz “prioridade” em sua rotina, por qual motivo então deveria ser obrigada a submeter-se a tal? Nessa re(existência) percebemos um compromisso puro de habitar a educação onde a prioridade seja a preservação da vida, conforme podemos admirar na força desse relato:

“Agora imagina a gente discutir agrupamento pro ano que vem, sem considerar essas disparidades. Se a gente tivesse a coragem de usar só a matiz que “eles” enviaram. Coitados dos alunos. Educação do povo não passa de pão e circo pra essa gente, por isso que dão esse cartão alimentação, pra ensinar pro povo que escola só serve pra isso”

E apesar do descompasso com relação a educação do povo, o olhar atento aos cotidianos escolares revela uma prática pulsante no sentido oposto ao anteriormente evocado na Matriz de Conteúdos Prioritários, isto porque são reconfigurados currículos *vividopraticados*¹⁰ impregnados de *saberesfazeres* docentes que vão em direção a uma educação democrática crítica e viva que verdadeiramente busca uma justiça social, desvelando o preconceito e a desigualdade estrutural que conduz nossa sociedade. Sobre isto, gostaríamos de expor o relato desta professora, após uma conversa com seus alunos.

“Garota hoje eles estavam demais, é esse negócio de tictoc, a gente estava fazendo uma lista de profissões aí mostrei uma mulher na construção civil. Garota pra que...Não pode é coisa de homem vai machucar, quem vai fazer unha agora... Um machismo estruturado sabe? Mas foi difícil! Pra que todos começassem a perceber que podem fazer da vida aquilo que quiserem desde que esteja dentro do campo da legalidade.”

No discurso, podemos vislumbrar o quão rica e potente foi essa aula para além do conteúdo proposto, pois o currículo *vividopraticado* trouxe novos olhares e alternativas para a trajetória de vida desses alunos(as) ampliando as percepções que os mesmos têm de si ou do que podem ser ou não no futuro. Essas revoluções subalternas acontecem justamente nessa tênue área que tenciona os limites impostos pela lógica abissal estruturada pelo capitalismo (PRECIADO, 2019) evocando vozes, presenças e possibilidades que antes eram silenciadas.

Dessa forma o mergulho no cotidiano escolar se declara propositivo para muito além do que esse epistemicídio autoritário de documentos que não se contextualizam enquanto proposições. E quando anunciam as práticas que visam justamente à superação dos abismos reais, a escola revela seu lado democrático e é essa vertente que tanto temem as forças nefastas que insistem em reduzir sua potência a um local reprodutor de ideologia dominante. Neste sentido, tudo aquilo que cresce ao largo dos nossos olhos, ao menos no que toca à nossa subjetividade, é inexistente.

Assim, acreditamos que cessar essa ruptura tão perversa só é possível se tomarmos a força de múltiplas narrativas como sustento de nosso diálogo, numa vista para a ecologia dos saberes (SANTOS,2007). Que ao ser considerado numa perspectiva horizontal, multiplica exponencialmente outras metodologias que pulsam inteligibilidades tecidas com e no cotidiano e por isso eficazes aos cotidianos.

Essa é potencialidade extraordinária trazida pela fonte narrativa se considerada a perspectiva da pesquisa *nosdoscom* os cotidianos escolares. Por isso a articulação deste ensaio consiste em não apenas descrever como a recepção deste documento é feita nas escolas, mas também em como os(as) professores(as) de fato regem esse currículo mediante esse novo cenário.

Portanto, em um dia chuvoso no final da tarde, exausta a professora regente das turmas de Educação infantil com cinco anos, corre no intervalo entre a entrada e saída das turmas para a máquina copiadora e ao retomar o fôlego desabafa:

“Está escrito lá no manual “deles” - *achamos importante destacar a despeito da regra gramatical que todas as vezes que se toca no documento ele é marcado com o pronome deles, no masculino, ou seja, dos outros que não somos nós*- “que a construção do respeito ao espaço privado deve promover a segurança sanitária. Gente a criança não tem porta em casa, eu disse porta! Vai ter segurança sanitária de lavar a mão? Não tem água. Ah por favor, parem de querer inventar a roda quadrada!”

Entre risos e acenos sua revolta é coletivamente abraçada por todos que ali atentamente a ouviam e ainda que exista uma longa série de tensões que essa fala apresenta, é inegável a concretude deste argumento: a Matriz de Conteúdo Prioritários de Nova Iguaçu ao não comungar com o corpo docente das unidades escolares onde será executada, busca silenciar tais contradições e isto não é um traço meramente ingênuo. Ditatorial, revela não se debruçar nem sobre a realidade das crianças e menos ainda ter compromisso com as propostas de trabalho das *praticantes pensantes* (OLIVEIRA, 2012) em questão, que no caso são as professoras da educação infantil e primeiro segmento do ensino fundamental que aspiram em suas falas por uma educação cidadã, ao contrário, ignora conforme revela CERTEAU (1994) suas capacidades criativas.

Ao contrário, ignora conforme revela CERTEAU (1994) suas capacidades criativas, não numa postura consumidora passiva como esperado, de uso dos instrumentos que nos são oferecidos para “fazer múltiplos”, o que de acordo com o autor confere a titulação de praticante a quem desenvolve tais estratégias.

2.1 Mais Floridos São Os Caminhos Que Nós Mesmos Semeamos?

Em tempos sombrios, onde a democracia é utilizada como instrumento antidemocrático olhar a escola enquanto espaço de construção é um movimento fundamental, considerando a força desta estrutura. Porém, um sinal de fogo sobre os olhares desta potência é o oceano de críticas que a educação popular recebe dos mais diferentes atores pertencentes às múltiplas esferas interessadas nesse processo:

“Ninguém quer que a criança estude. Começa nesse desespero pra colocar a criança pra estudar. Minha neta ficou dois anos esperando, só conseguiu entrar no C-A-ZINHO, não fez nada de maternal. Claro que vai ter dificuldade. E quem pensa nisso, se nem a mãe tá nem aí?”

A declaração da Avó Vera, que cuida dos seus treze netos, zelando para que todos e todas frequentem a escola e aprendam - pois ela já tem a consciência da importância dessa dualidade - mostra o quanto do seu esforço pede quase que em oração ajuda para que o desenvolvimento dos alunos e alunas seja efetivamente considerado com base naquilo que faça sentido a comunidade escolar, ou seja um currículo consciente e solidário, já que até o acesso a escola pública pode ser considerado um privilégio, devido a falta de capacidade estrutural das unidades escolares.

Assim, na hipótese de superada essa dificuldade e conseguindo uma vaga na escola se vislumbra a possibilidade de construção de uma proposta contra hegemônica, humanística e solidária conforme nos diz a professora:

“Tem habilidade descrita ali que obviamente é muito importante que o aluno desenvolva, como o traçado correto das letras. Mas e o antes? Não seria esse ainda mais importante. O aluno se expressar e aí entender o traçado das letras? E será que seria mesmo um condicionante? Não seria esse um único movimento. O que eu to tentando expor é que muito se reduz sem se pensar. Parece inocente, mas não é. Pro filho do pobre, o mínimo do mínimo, sem pensar naquilo que pode ser oferecido de melhor naquele momento. Um abraço por quem você perdeu? Como você se sente com isso? Quando foi que a escola deixou de pensar no humano.”

Porém, da mesma forma pode ela reforçar a desigualdade, especialmente se tomarmos como base o retrato da implementação da matriz analisada. É sobre essa corrente que aponta a fala da professora Deise.

“Não é muita novidade pra quem tem casca dura não. Não é pra inventar moda ou perder a sanidade. Criar os espaços necessários dentro do possível para que o aluno aprenda. Aprenda a ouvir quando a gente faz um bingo. Aprenda a aprender quando escuta o colega. As habilidades são aquelas que a gente já carrega como fundamentais a muito tempo agora o como a gente vai buscando soluções criativas dentro do nosso melhor. E nunca vai ter documento capaz de dar conta disso. a não ser que ele comece perguntando minha opinião ao invés de vir tentar me dizer o que fazer. Eu não preciso de norte, preciso de apoio para além de cartão alimentação.”

Desta forma, enquanto praticantes que criam e executam as estratégias necessárias para que o currículo de fato seja vivo e esteja voltado para o desenvolvimento do aluno em consonância com as necessidades da comunidade na qual o mesmo está inserido, nós professores e professoras temos a responsabilidade de criticar conscientemente qualquer documento que venha a se impor como orientação alienante.

Como afirma Simone de Beauvoir (1967) O opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos. Então não é estranho pensar que dentro da política de estruturação do desenvolvimento da classe trabalhadora a liberdade seja um conceito que passe voando pelo texto. E numa segunda linha é importante destacar que até mesmo existem professores que consigam defender tamanhas ideias.

Portanto, revelar potencialidades positivas dentro das unidades escolares é em essência um ato decolonial no sentido apontado por Quijano (2005) como itinerário para desconstrução de padrões dando voz aos povos subalternizados e por isso, sendo vital para o florescer de um novo agir:

"A gente faz tanto que nem nota e quando nota/ não se orgulha. Tá na moda falar de letramento racial, mas a gente já trabalha com esse conceito há mais de quinze anos, ninguém aplaude. Faz feira pra aluno

perceber que escravidão foi um fardo e não o início da história africana. Debate a posição da mulher. A gente precisa até fixar que ninguém pode mexer nas partes íntimas de ninguém e ainda assim corre o risco de levar uma pedrada. Insistimos no óbvio."

As formas como essas transposições se dão são tão complexamente variadas que somente numa prática narrativa de imersão é possível compreender como as professoras da educação básica constroem suas práticas/identidades, sobre alicerces que violentamente as desconsideram:

"Eu estou exausta. Falar de máscara cansa. Falar pra botar a máscara cansa. Falar que não pode pegar as coisas do colega por questão de saúde cansa. Mas sabe o que mais me cansa? Esse monte de gente que não me respeita, que não pode ter aglomeração, mas enche esse ônibus pequeno de criança. Enquanto professora, me sinto exausta. Enquanto mulher me sinto desrespeitada e enquanto gente, sinto que estão tentando me matar. Mas ano que vem vai ser melhor."

Desta forma, debater sobre a estruturação de poder em torno de uma política de silenciamento é de fundamental importância. Isso porque a forma mais caprichosa da manutenção do patriarcado hétero normativo é justamente impor-se enquanto verdade natural e regular. É esse epistemicídio, a morte das verdadeiras práticas combativas, que dão corpo ao estabelecimento do pensamento abissal, como nos fala Boaventura.

Por isso acreditamos no movimento fundamental onde perceber a escola para além da visão onde esta funciona como um aparelho ideológico do Estado numa perspectiva Althusseriana, onde existe uma vivência repleta de experiências bem sucedidas, que silenciadas, reforçam dando extremos destaque a esse lado castrador do espaço, é trabalho de primeira ordem:

"Tem gente que acredita que quem critica BNCC, PNA, MCP é preguiçoso, não quer trabalhar, fere o direito universal do aluno, que não tem o mesmo ensino que a criança da escola particular. Que fique claro queridinha, eu penso, logo existo, tá bom? O recado está dado. Minha atenção é voltada pro aluno, o que ele precisa aprender e como eu posso ajudar. Vou me comparar com a professora que está no ar condicionado e o aluno nem usa caderno? Me poupe, se poupe, nos poupe"

O desabafo da professora Marina, expõe o quanto a frágil é o argumento negligenciador determinista que insiste no fracasso da escola pública ao mesmo tempo em que existe dentro do próprio cotidiano escolar.

Freire (2011) retrata que os colonizados são bárbaros, incultos, "a-históricos", até a chegada dos colonizadores que eles "trazem" a história. Falam dialetos fadados a jamais expressar a verdade da ciência "os mistérios da transcendência" e a "boniteza do mundo". Sincretizando que a cada silêncio imposto, uma cor da vida morre, propositalmente para que o monólito hétero branco normativo se mantenha em pleno controle.

3- Nosdoscum Os Cotidianos Escolares: E O Currículo, Como Ficou?

Dados os discursos trazidos até o presente momento na a falta de intimidade, em um sentido mais afetivo do que de conhecimento, entre o texto proposto pela Secretaria e o corpo docente da escola marcado também pela compreensão de que a prática geralmente acontece numa forma subversiva, a necessidade de uma proposta curricular que tentasse abraçar esse cenário desafiador nasceu com base no estudo e diálogo daqueles *praticantespensantes*.

Essa rede de *saberesfazeres* fortalecida pelo estudo e a convivência entre os pares ao mesmo tempo que tensionada pela realidade que o cenário impõe, numa intensa troca construiu sua proposta curricular individualizada por turma, com base numa tríplice avaliação diagnóstica, que determinaram quais as necessidades do grupo para cada período bimestral.

A organização deste modelo sugere ampliar os cenários de desenvolvimento e atuação dos alunos para que se tenha uma foto precisa de quais habilidades são mais urgentes naquele momento e portanto, se trace uma rota para o desenvolvimento das crianças neste sentido.

Essa avaliação diagnóstica buscou entender detalhadamente o que se enfrentaria, criando um momento de avaliação coletiva da turma, com base num instrumento construído pelo grupo de professoras e professores daquele ano de escolaridade, que tem por objetivo analisar os dispositivos que os alunos e alunas já conseguem acionar estando sozinhos num momento clássico de avaliação.

Seguindo, foi estruturado um segundo momento de avaliação individualizada pela professora, onde cada aluno foi levado a mostrar aquilo que já consegue realizar ou não com autonomia, considerando as especificidades já observados pela professora do grupo, mediante a rotina de atividades apresentadas.

Houve ainda um terceiro movimento também individual, onde a criança foi levada novamente a mostrar quais dificuldades ela apresenta. Isso feito com base naquilo que a professora descreveu e registrou sobre a segunda avaliação individual do aluno ou aluna, sendo que, neste terceiro movimento, essa avaliação diagnóstica é realizada fora da sala de aula por um membro da equipe pedagógica:

“Se a gente não parar, estudar e definir o que cada grupo precisa, a gente não vai conseguir dar o nosso melhor. Pensando no nosso melhor possível. Aquilo que os documentos casarem, bom pra gente, menos um problema. Naquilo que não se pode casar, é ter respaldo para argumentar o porquê. Ninguém grita com gente que tem razão”

A fala mansa e ponderada da professora Jiane demonstra uma particularidade muito importante da riqueza do caminho traçado. Essa experiência, além de pensada, é registrada. Todas as turmas além de terem seus objetivos descritos no portfólio de grupo têm também registrados os avanços e dificuldades encontradas no fazer da viagem. Esse grande movimento não foi estruturado sem um amplo debate e aconteceu antes mesmo da determinação do retorno ao sistema híbrido, uma vez que os professores já esperavam que com o prolongado afastamento alguns novos abismos poderiam se abrir mediante aos seus pés:

“Antecipar o assunto, a partir do título dos textos e identificar o gênero de um texto a partir de suas características. Juro fiquei quase dez

minutos lendo e relendo isso, pensando... Meu aluno não abre a boca. Não argumenta. Foi isso que ele aprendeu em dois anos de isolamento. Ele ouvia repetidamente cala a boca, então se calou. Eu vou trabalhar a habilidade do aluno para conseguir argumentar. Primeiro oralmente, depois por escrito. Se der tempo as duas, se não, a colega que o ajude dando continuidade ao trabalho, pois é o que ele precisa, respeitado o tempo necessário pra ele. Mas que antecipação poderia vir de uma criança que não abre a boca? eu continuo com essa questão gritando na minha cabeça.”

Esse questionamento, reforça o ponto dissonante apontado no relato anterior, mais uma vez expondo o quanto para o grupo o quanto a distância da verdade curricular sugerida precisa ser combatida com ações prática cujos objetivos tenham função naquilo que toca o florescer de um ser humano em pleno desenvolvimento a ser provocado por este caminho curricular.

E foi com este movimento de autoformação, onde coletivamente o grupo buscava as saídas ainda que combalidas para os embates encontrados, estudando não apenas a situação dos alunos como as possíveis formas de superar os obstáculos, que a proposta curricular se estabeleceu no final de 2021 e ao longo de todo o ano de 2022, buscando preencher as lacunas encontradas, não apenas em função do afastamento, mas em função das necessidades de desenvolvimentos dos alunos:

“Aluno que mal pega no lápis não é novidade pra professora do terceiro ano. A criança não consegue entrar na escola antes dos oito anos. Só consegue a vaga perto de casa - perto longe, porque quem anda dois quilômetros pra chegar na escola não estuda perto de casa - no terceiro ano, mesmo com a mãe tentando exaustivamente desde a educação infantil, aliás desde a creche. Aí a menina chega no terceiro ano, não conhece lápis, não conhece banheiro, em casa não senta pra comer. Vem pra cá, não pode isso, faz fila, espera, não pega. Um monte de não. Por sua vez, não conhece a letra, não faz nem o primeiro nome, não pega no lápis, lembra? vai me dizer que pandemia não faz dano? Dano pra criança privilegiada. Meu amor, o filho do pobre já nasce com a marca do dano na testa , ele que rebole pra escapar. essa vivência a gente já tem e não é de hoje. e se tivesse qualquer comprometimento político com o fim disso, não era na matriz de conteúdo que viriam corrigir, tinha de ser na portaria de matrícula. Que deixasse que todos entrassem no primeiro ano com seis anos, que me deixasse trabalhar com 15 crianças e dois autistas, não com 28 alunos numa sala apertada e sem ar condicionado. O caminho a gente conhece, faz ele da melhor forma, mas o político não entra nesse ônibus não.”

Esse desabafo um tanto quanto ácido e debochado da professora Célia sincretiza bem os pensamentos e falas que compuseram esse trabalho num sentido de que as práticas bem sucedidas dentro das escolas são sim silenciadas e com objetivos nefastos pelas forças políticas em exercício. Desta forma entendemos que para além da crítica a documentos oficiais, expor as práticas curriculares vividas e pensadas dentro de uma unidade escolar, especialmente esta de educação pública, cujo compromisso com a educação democrática

é uma vocação, também constitui um ato subversivo, pois mostra que você professor e professora da educação básica, não estão sozinhos. Vamos pluralizar adiando o fim do mundo estruturando entre paços de dança o raiar de um novo dia!

Referências

- Alves, N. (2015). Currículos e Pesquisas com os cotidianos In: García, A., Oliveira, I. Barbosa de. (Org.). *Praticantes pensantes de cotidianos*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, (p. 161-168).
- Alves, N. (2008). Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos In: Alaves, N. Oliveira, I. Barbosa de (orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Baroni, P. Conceição, D. (2020). Currículo, Táticas, Resistências: Maneiras De Fazer De Estudantes Negros Em Tempos De Regulação Autoritária em Rev. *Espaço do Currículo* (online), João Pessoa v.13, n.3, p.446-462, set/dez.
- Brasil, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 12/03/2023.
- Brasil, Ministério da Educação. DECRETO Nº 9.765, DE 11 DE ABRIL DE 2019. Institui a Política Nacional de Alfabetização. Disponível em <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/71137476/do1e-2019-04-11-decreto-n-9-765-de-11-de-abril-de-2019-71137431> Acesso em: 12\03\2023.
- Brasil, Ministério da Educação. Política Nacional de Educação. Disponível em <<https://alfabetizacao.mec.gov.br/#pna>> Acesso em: 12/03\2023.
- Certeau, M. (1994). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Garcia, A.; Reis, G.; Baroni, P (2021). Movimentos na produção de políticas curriculares do estado do Rio de Janeiro: pensando a qualidade a partir das escolas. *Revista Em Aberto* - INEP, v. 33, p. 77-94.
- Oliveira, I. (2005). *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- Ribeiro, T; Souza, R. de; Sampaio, C. S. (Orgs.). *Conversa como metodologia de pesquisa: Por que não?.* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
- Preciado, P (2019). *Manifesto Contrasexual* · 1.ª edição.
- Santos, B. (2007). *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 6ª ed. São Paulo: Cortez.
- Saúde, Organização Pan Americana de. Folha Informativa sobre Covid-19. Disponível em <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>> Acesso em: 12/03/2023.

Notas

¹Professor da Educação Básica, especialista em procesos de aquisição da leitura. Pedagogo pela Universidade do Rio de Janeiro. Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

²Orientadora Educacional da rede particular de ensino, Metranda em Educação pela UFRJ, estudiosa sobre alfabetização e seus processos.

³Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro Doutora em Educação formada pelo PPGE UFES coordenadora do grupo de pesquisa e extensão Ecologias do Narrar.

⁴A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo e referência obrigatória para as redes de ensino públicas e privadas elaborarem seus currículos e propostas pedagógicas para a educação básica.

⁵Da mesma forma, a Política Nacional de Alfabetização é um documento obrigatório para as redes públicas de ensino, que intenciona ações voltadas à promoção da alfabetização baseada em evidências científicas, com a finalidade de melhorar a qualidade da alfabetização no país, tomando como norte a ciência cognitiva - um campo interdisciplinar que abrange as diferentes disciplinas que estudam a mente e sua relação com o cérebro, como a psicologia cognitiva e a neurociência cognitiva

⁶A COVID-19 foi uma pandemia da doença causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2). Foi caracterizada assim pela OMS - Organização Mundial de Saúde - em 11 de março de 2020.

⁷O ensino remoto é aquele em que as aulas acontecem de forma virtual e ao vivo, já o ensino híbrido é uma mescla entre as aulas presenciais e remotas.

⁸CID - Classificação Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a saúde.

⁹Uma referência ao filme Divertidamente da Disney 2015 cuja mensagem é que todos os sentimentos são importantes nalgum momento

¹⁰Nesta escrita, a junção de certas palavras é feita partindo da compreensão de que a separação de algumas palavras pode produzir uma bifurcação em seus significados ou até mesmo uma hierarquização entre elas. (BARONI P,R; CONCEIÇÃO, D.G p.447, 2020 apud ALVES, 2008)